REFLEXÃO

TECNOLOGIA A SERVIÇO DO PROTAGONISMO MUNDIAL

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

A ESPETACULAR reação do agronegócio brasileiro registrada nas últimas décadas, responsável pela transformação do Brasil de importador de alimentos em um dos principais fornecedores mundiais de grãos, fibras e proteína, tem tudo a ver com a capacidade inovadora e criativa do pesquisador brasileiro, associada ao espírito empreendedor e à elevada capacidade de gestão do produtor. Tais características foram responsáveis por o Brasil ter conseguido dominar tecnologicamente a produção em grande escala nos trópicos.

Foi esse diferencial competitivo que fez o Brasil ser colocado como ator principal no esforço de ampliar o volume de grãos, fibras, fontes de energia renovável e proteínas de que o mundo necessitará nas próximas décadas. Para cumprir essa missão, o produtor brasileiro conta com os bons resultados conseguidos internamente, nas fazendas, cujos índices de produtividade são semelhantes ou até superiores aos dos principais competidores internacionais. É bem verdade que um complicador adicional é a preocupação global com os limites dos recursos naturais do Planeta, o que embute uma dúvida de cunho malthusiano, segundo a qual a oferta não seria suficiente para atender a demanda global crescente.

Nesse caso, somente uma forte resposta tecnológica altera radicalmente a perspectiva. Novamente, o Brasil é fator-chave. Vários analistas e estudiosos ponderam que a evolução da produção com tecnologia tropical, que possibilita até três colheitas anuais, depende de um pacote tecnológico que envolve o uso de sementes de última geração, o manejo adequado do solo, a aplicação eficiente de defensivos e demais insumos necessários ao bom desenvolvimento da planta, o emprego de técnicas que possibilitem a racionalização do plantio, entre outras ações.

Todo este arsenal de técnicas soma-se aos diversos métodos inovadores, igualmente desenvolvidos por produtores e pesquisadores brasileiros, como a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF), a pecuária sustentável, o plantio direto, o etanol, o biodiesel, as florestas plantadas, o uso integral da biomassa, novas formas de controle de pragas e doenças, a biotecnologia e a geotecnologia. Com tudo isso, o nosso produtor rural consegue ser, além de um dos mais produtivos do mundo, também um dos mais ambientalmente sustentáveis.

Nessa questão ambiental, vale recordar uma recente informação da revista inglesa The Economist sobre o preparo para a COP-21 das diferentes escolas de pensamento. Elas mostram um consenso quanto a uma taxa incidente sobre combustíveis ser a forma mais eficiente de reduzir as emissões. Nesse sentido, nossa CIDE incidente sobre os combustíveis fósseis é bastante atual e eficaz. Valorizá-la e levá-la à COP-21 como uma positiva política brasileira será muito interessante. Afinal, transporte responde por 20% das emissões no mundo.

O fato é que vivemos uma fase de mudanças de paradigmas em agricultura e energia. Veremos uma nova revolução do agro, que servirá, ao mesmo tempo, como base para uma nova economia verde. Descarbonizar os combustíveis já é meta global. Intensificar a produção de grãos no Brasil será fato. Ganhos de eficiência nas carnes serão necessários. Dar suporte à importância do País na próxima COP-21 será estratégico ao setor. ■

